

Revista Literária

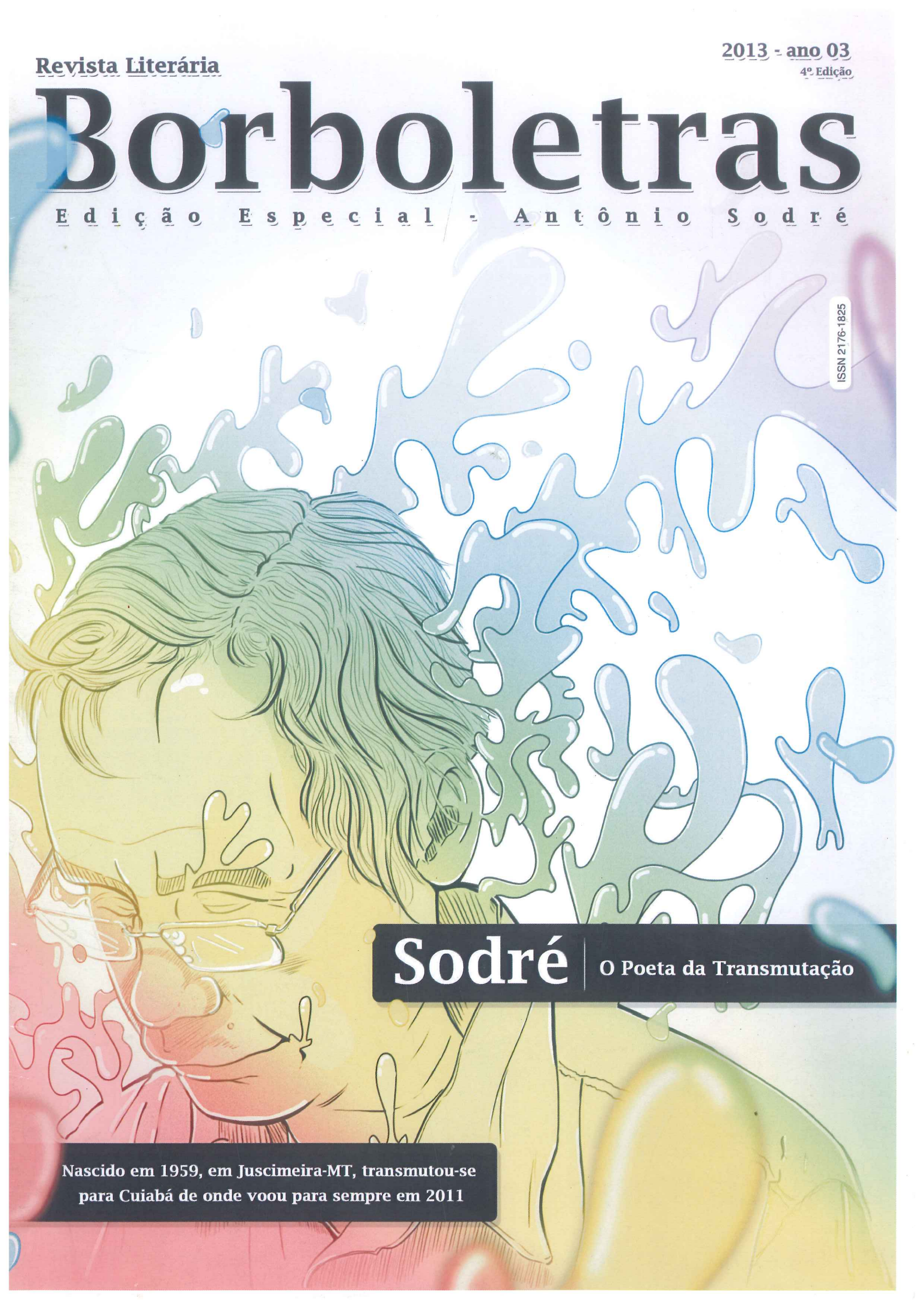
2013 - ano 03

4ª Edição

Borboletras

Edição Especial - Antônio Sodré

ISSN 2176-1825



Sodré

O Poeta da Transmutação

Nascido em 1959, em Juscimeira-MT, transmutou-se
para Cuiabá de onde voou para sempre em 2011

Expediente

Reitora

Profa. Maria Lúcia Cavalli Neder

Vice-Reitor

Prof. João Carlos de Souza Maia

Pró-Reitora Administrativa

Adm. Valéria Calmon Cerisara

Pró-Reitora de Ensino de Graduação

Profa. Irene Cristina de Mello

Pró-Reitor de Cultura, Extensão e Vivência

Maestro Luis Fabrício Cirillo de Carvalho

Pró-Reitora de Assistência Estudantil

Profa. Myrian Thereza de Moura Serra

Pró-Reitor de Pesquisa

Prof. Joanis Tilemahos Zervoudakis

Pró-Reitora de Planejamento

Profa. Elisabeth Aparecida Furtado de Mendonça

Pró-Reitora de Pós-Graduação

Profa. Leny Caselli Anzai

Prefeito do Campus de Cuibá

Tec. Paulino Simão de Barros

Secretário de Articulação e Relações Institucionais

Prof. Sergio Henrique Allemann Motta

Secretário de Comunicação e Meios

Prof. Benedito Dielcio Moreira

Secretário de Gestão de Pessoas

Econ. Domingos Sálvio Sant'Ana

Secretário de Relações Internacionais

Prof. Paulo Teixeira de Sousa Junior

Secretário de Tecnologia da Informação e da comunicação

Prof. Alexandre Martins dos Anjos

Diretora do Instituto de Linguagens

Maria de Jesus das Dores A. C. Patatas

Chefe do Departamento de Letras

Laudino Roces Rodrigues

Coordenadora de Ensino de Graduação do Curso de

Letras - Língua Portuguesa/ Literatura

Lirian Daniela Martini

Editorial

Coordenadora Docente

Carolina Akie Ochiai Seixas Lima

Editora Geral

Carolina Akie Ochiai Seixas Lima

Editores

Larissa Ruth S. dos Anjos; Bruna Vitorazzi Duarte Leal;
Talita Cristina Bandeira de Figueiredo; Márcio Jean da Silva;
Nerielly Dantas da Silva; Fernanda Negro Sales, Jussara
Patrícia Barbosa da Hora; Walentino A. F. de Arruda

Projeto Gráfico; Ilustrações

Maurício Mota; André Gorayeb

Diagramação

Maurício Mota; Cleiton Leonardo

Revisão Ortográfica e Normalização

Giselle Marques Ramos de Oliveira;
George Gleyk Max de Oliveira

Revisão Técnica

George Gleyk Max de Oliveira
Gyselle Marques Ramos de Oliveira

Conselho Editorial

Carolina Akie Ochiai Seixas Lima (UFMT)

Claudio Cezar Henriques (UERJ)

Maria de Jesus das Dores Alves Carvalho Patatas (UFMT)

Marta Helena Cocco (UNEMAT)

Ulisete Rodrigues de Souza Rodrigues (UNB)

Luiz Renato de Souza Pinto (IFMT)

editorial

Após três anos de existência, resistindo à dificuldade da labuta diária, da colheita dura, da semeadura vagarosa, eis que brota novamente a 4ª edição da Revista Borboletas, no seu quarto ano de existência.

Muita coisa mudou, desde o formato ao conteúdo, nesta 4ª edição apresentamos um pouco da literatura mato-grossense nas vozes de Marta Cocco, Luiz Renato, Toninho e Marinaldo Custódio. Também falamos de teatro na escola através de um relato da Profa. Ms. Márcia de Moura Gonçalves. O nosso "mote" para esta edição foi uma homenagem ao Sodré, um poeta moto-grossense que transmutou-se deste plano material em que vivemos o dia a dia caótico para um lugar mais etéreo, onde figuram deuses iluminados, deuses da natureza, da harmonia, da poesia.

Sodré, o "Poeta da Transmutação", foi embora como todo grande poeta, deixando por onde passou muita poesia, muitas histórias pra contar e muito vazio pra chorar... assim, foi-se o poeta.

Quem costumava frequentar a "Banca do Sodré", aquela banca que ficava lá na rampa do IL – Instituto de Linguagens da UFMT, nunca irá se acostumar com aquele vazio, com aquele espaço oco, com aquele vácuo que foi deixado pelo Sodré.

Quem ficou devendo ao poeta, deve agora depositar no céu créditos àquele que foi o nosso grande livreiro-violeiro-poeta Antônio Sodré (1959 - 2011).

Esta edição homenageia de maneira simples o poeta fenomenal que nos deixa para sempre o seu legado precioso, a poesia.

Assim como ficou conhecido "O Poeta da Transmutação" transmutou-se, fazendo aquilo que mais sabia fazer, P-O-E-S-I-A.

É para ele e por causa dele esta 4ª edição da Revista Borboletas para que todos saibam que o "nosso Sodré" está e estará vivo entre nós, por meio do paradoxo "foi embora, mas ficou no ar".

Deixamos aqui as nossas saudações.



Carolina Akie Ochiai Seixas Lima
Da comissão Editorial



Antônio Sodré

El poeta de la transmutación

Antônio Sodré era natural de Jucimeira-MT, filho de baianos radicados no Mato Grosso pelos programas de ocupação do Oeste. Mudou-se para Cuiabá no final da década de 70, época que iniciou a escrever poemas. Ingressou na Universidade Federal do Mato Grosso no Curso de História no início dos anos 80, após esse período fez Letras e depois Música.

Pé de verso

Antônio Sodré - In: "A Besta Poética"

sonhostantostontossinhos
Antônio Sodré - In: "Empório Literário"

Os
sonhos
sonhei-os
todos
num sonhar
desesperado
até me perder sonhando
perdido no meu passado

recordações ilusórias
quimeras imagens tolas
gravadas no inconsciente
"pra" no presente rep -las!

Como se trata do "Poeta da Transmutação" lembramos que até as homenagens podem "transmutar-se" por meio de lembranças, desejos de reencontro, saudade que fica, v zio, sopro, oco, P-O-E-S-I-A. Assim, a revista dedica este espaço a alguns dos poemas do nosso homenageado, ei-los aqui...

Uma folha branca:
Pede um verso meu!

Uma rosa branca:
Pede um verso meu!

Uma pauta em branco:
Pede um verso meu!

Uma  rvore torta:
P  de um verso meu!

suscitou-me
pesadelos
assanhando meus
cabelos
oh! era melhor não v -los
soaram em v o meus apelos!

mas tem sonhos tão gostosos
d  vontade de com -los
suaves v os de aves
caravanas de camelos
flutuando...flutuando...flutuando
feito espuma colorida
e chego a pensar que a vida
É um sonho em movimento



Foto: Mário Friedlander

Marta Helena Cocco



Marta Helena Cocco - Foto: Arquivos pessoais

Revista - Como se deu o seu primeiro encontro com a arte?

Marta - Eu não sei precisar. Nasci numa família de descendentes de italianos, agricultores. Na minha casa todo mundo gostava de cantar e eram comuns reuniões e festas com essa finalidade. Meus pais participavam do coral da igreja e eu cantava com eles desde muito pequena. Basicamente a influência familiar foi essa, a do canto. Meus pais possuíam apenas a alfabetização primária, não havia muitos livros, discos, essas coisas, lá em casa. Havia a bíblia e uma coleção chamada "Mundo da criança" que devo ter lido e relido muitas vezes, e dois volumes do "Médico da família". Na escola, no primeiro ano, lembro que recitei Olavo

Entrevista com **Marta Helena Cocco**, professora de Literaturas da Língua Portuguesa na Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. Publicou livros de poesia, dentre os quais *Divisas* (1991), *Partido* (1997), *Meios* (2001 – Prêmio Mato Grosso Ação Cultural), *Sete Dias* (2007) e *Sábado* (2011), com Rosana Rodrigues, organizou a antologia poética *Nossas Vozes, Nosso Chão* (2011). Aqui, nos concedeu o prazer de conhecê-la um pouco mais, nos falando de arte, poesia, inspiração e responsabilidade. Apreciem o momento, com Marta, nossa poetisa.

Bilac nas comemorações da Pátria. Minhas professoras percebiam meu interesse por leitura e me estimulavam.

Talvez o grande contato com a arte tenha sido o contato com a natureza. Nasci num lugar belíssimo, havia montanhas na frente e atrás da nossa casa, uma cachoeira à esquerda, na direção do nascer do sol. Havia muitas árvores, inclusive frutíferas, animais de criação, lajeados, sangas, açudes.

Revista - O que a fez tornar-se poeta? Pode apontar algumas razões?

Marta - Talvez uma das razões seja a de eu sempre gostar muito de música. Como não morávamos na cidade, não havia como aprender a tocar um instrumento, então o verso, com seu ritmo, sua musicalidade, preencheu uma certa vontade de compor. Ou talvez tenha ocorrido o contrário, a tendência ao verso provocava o gosto pela música, não sei. Com a escola, veio o acesso a livros maravilhosos, o gosto pela leitura, pelo texto literário. A escola fez toda a diferença na minha vida. As professoras elogiavam os textos que eu escrevia e isso me estimulava a escrever mais. No ensino médio venci um concurso como autora, isso foi mais um impulso. Na faculdade cursei Letras e, nos últimos anos, paralelamente, Zootecnia. Formei-me em Letras e continuei cursando zootecnia, mas percebi que sentia muita falta da literatura. Então uma vizinha

me inscreveu numa oficina de poesia na UFSM, com o professor e poeta Orlando Fonseca (Santa Maria-RS). Ele me ensinou coisas valiosas. No final daquele ano (1991), lancei o primeiro livro, *Divisas*.

Mas para responder mais exatamente, acho que o tornar-se poeta leva uma vida inteira, não acontece de uma hora para outra e nunca se está pronto. O que fez com que eu começasse a escrever pode ter sido o fato de eu ter uma sensibilidade aguçada, o que às vezes é muito bom e, às vezes, muito ruim.

Revista - Poderia nos falar um pouco sobre a tua infância e de como nasceu este teu apego à poesia? Com que idade escreveu a sua primeira poesia?

Marta - Eu sempre brinquei muito sozinha. Tinha que inventar gente, personagens, conversando comigo, brincando. Inventava músicas, enfim... Isso quando conseguia um pouco de liberdade e privacidade, coisa que os adultos não entendem muito. As melhores lembranças da infância são dos momentos em que eu ficava em paz, lendo, ou das vezes que perambulava pelos poteiros admirando a natureza, ou acompanhava meu pai nas atividades de vacinar e banhar o gado, tosquiar ovelhas, eu adorava essas coisas. Também sempre gostei muito de ir à escola e de praticar esportes.

Minha primeira poesia, se não me engano, escrevi na 6ª série para um jornal da escola.

Revista - Onde busca sua inspiração? Quais os poetas que te fascinaram ou te influenciaram e que ainda hoje tens admiração?

Marta - A inspiração a gente não busca, ela acontece, quando menos se espera. E vem de qualquer parte, de dentro e fora da gente. Às vezes ouço uma palavra e sinto um estalo. Acho a palavra bonita e aí invento um poema em que ela caiba. Mas poesia não nasce apenas desses momentos inspirados. Às vezes o processo nasce de um momento muito racional. As coisas não são tão separadas, razão e imaginação andam juntas. E a criação se prolonga, pois também envolve trabalho duro de revisão, de busca da melhor imagem, da melhor sonoridade.

Os poetas que mais me influenciaram foram Drummond e Carlos Nejar. Também Fernando Pessoa, Mario Quintana, Cecília Meireles, João Cabral, Ferreira Gular, Manuel Bandeira, Adélia Prado, Herberto Helder, Fabrício Carpinejar e leio muito os de casa, especialmente a Lucinda, o Aclise e o Toninho. São muitos, não dá para citar todos. Recentemente tenho descoberto os antigos como Homero e Dante, que eu já lera em outras épocas e não conseguira captar nem um terço da força que esses textos possuem.

Revista - Escreve sempre?

Marta - Sim, um pouco quase todos os dias, mas nem sempre poesia.

Revista - Qual a poesia de sua autoria que considera mais marcante? Por quê?

Marta - Difícil responder. Todos os poemas são importantes para mim. Há uns, especialmente entre os primeiros, que considero mal acabados, mas compreendo que foi o que consegui fazer com as limitações que eu tinha na época

da escritura. Gosto muito do poema "Transeunte", que está no meu primeiro livro, de 1991. Acho que Transeunte é um germe do poema "Sábado ou cantos para um dia só". Também está na linha de "Imagens do Natal" que fiz especialmente para uma exposição do Sesc Arsenal há alguns anos. São poemas que tem um eu lírico que viaja e interpreta o mundo a sua volta e não silencia diante da dor e solidão alheias. Gosto bastante do poema "Deduções" que está em Sete dias. Também gosto muito dos poemas de amor, a fusão carne/alma nos faz criar imagens muito bonitas.

Revista - Poderia nos falar sobre o teu processo de escrita poética: como se inicia, como se conclui e como você sabe que algo merece ou tem que se transformar num poema?

Marta - A gente sente que a nossa consciência se movimenta em outra rotação. São momentos em que saímos da ordinariedade e outras faculdades da mente, como a intuição e, especialmente a imaginação ficam mais fortes. Aí percebemos coisas que antes estavam despercebidas. A vontade de escrever vem porque talvez eu não saiba fazer música, ou pintar, ou outra coisa, então faço aquilo que eu penso que consigo fazer, que é escrever. E depois abandono o texto. Às vezes fico eufórica, quero mostrar pras pessoas. Passado um tempo, ou acho ruim e jogo fora, ou acho mais ou menos e procuro melhorar, ou acho bom e deixo como está. No estado de poesia, sempre capturamos coisas fantásticas, boas ou dolorosas, mas nem sempre conseguimos expressá-las à altura. Quero deixar claro que isso é o que eu sei sobre o processo, não significa que seja exatamente assim, pois há coisas que nos estimulam e que vêm do inconsciente, aí não temos como saber.

Revista - Você acha que o estado tem a responsabilidade de incentivar os poetas, publicando e divulgando as

suas produções?

Marta - Acho não, tenho certeza de que o estado tem a obrigação de incentivar a arte. A arte é fundamental para a manutenção da saúde social. Infelizmente as pessoas que ocupam cargos de responsabilidade pública, ou são mal intencionadas, ou não estudam o suficiente, ou não têm sensibilidade suficientemente desenvolvida para compreender a importância da arte, não têm a dimensão da sua importância.

Acho que o governo deve incentivar e financiar, mas deve haver critério. Não se pode usar dinheiro público para financiar entretenimento fútil e vulgar. Entretenimento é para desviar a atenção das pessoas, não educa ninguém. A arte produz conhecimento, humanização. Agora, existem diferentes níveis de leitura das obras, então vem a tal da relativização, que às vezes é usada de má fé. Mas a existência dos diferentes níveis não significa que as pessoas que não leem, hoje, determinada obra, não o consigam fazê-lo amanhã. Não podemos, por causa dos distintos graus de legibilidade, menosprezar a capacidade das pessoas. Aí entra o papel de uma boa educação. Em alguns países do chamado "primeiro mundo" é possível assistir a coisas belíssimas no meio da rua, as pessoas aprendem na escola a ler partitura musical, por exemplo, e a cultura é uma grande fonte de renda para as pessoas e para o governo. Não sabemos quando os nossos políticos vão se dar conta disso.

Revista - Você tem escrito poesia ultimamente, tem pensado numa nova publicação?

Marta - Minhas próximas publicações serão para as crianças. Comecei escrevendo poesia a partir de experiências vividas com meu filho e descobri uma riqueza imensa no universo infantil. Em breve pretendo lançá-los, já estão sendo ilustrados.

Entre Palavras e versos, o poeta da frágil figura.

Marinaldo Custódio



“

...nenhum de nós (Eduardo Ferreira, Ana Amélia, Lorenzo, Eliete, Luiz Renato, Bia, Toninho, eu ou Danilo Fochesato, entre outros) tem nem sequer a sombra do **poder catalisador que tinha o Sodré, de fazer gravitar em torno de sua frágil figura todo um mundo de arte e cultura...**

Eis que a **Revista Borboletas** lança o convite e recebe o aceite deste, que também é escritor matogrossense e nos agracia com algumas palavras sobre o nosso homenageado, Sodré.

Palavras emprestadas de seu texto, publicado em DC Ilustrado, jornal *online*, edição nº 12954, em 06/03/2011, por ocasião do falecimento do nosso **“Poeta da Transmutação”, Sodré, ‘nosso Sodré’**. Eis alguns trechos desse memorável momento:

“Após o seu enterro, bebendo num bar do Boa Esperança com amigos e amigas celebrando a sua memória, como ele mesmo faria se voltássemos do enterro de outro amigo, eu disse, sem nenhuma demagogia e sem nenhuma autocomiseração, que nenhum de nós (Eduardo Ferreira, Ana Amélia, Lorenzo, Eliete, Luiz Renato, Bia, Toninho, eu ou Danilo Fochesato, entre outros) tem nem sequer a sombra do poder catalisador que tinha o Sodré, de fazer gravitar em torno de sua frágil figura todo um mundo de arte e cultura, de atrair

num redemoinho criativo todas essas pessoas citadas e “mais trocentas”, num vertiginoso movimento incendiado por sua calma aparente.”

“Entre outras coisas, Antônio Sodré gostava de jogar xadrez. Fazia parte, aliás, daquele seu jeito muito zen, muito oriental de ser. Paciente, aceitava o tempo e seu passar inexorável, daí, certamente, seu amor por esse jogo de paciência e de inteligência. Era capaz de emendar, por exemplo, tarde e noite numa sequência de partidas com algum amigo ou amiga, esquecido, até, do seu querido ganha-pão: o comércio de livros na inefável Banca do Sodré, na rampa do Instituto de Linguagens (IL) da UFMT, em Cuiabá. Por mim, ele conservaria, até o fim, a designação original, e extraoficial, do seu sebo: Tapete Voador, quando ainda não tinha balcão nem estante e os livros eram expostos mesmo num tapete estendido no chão dos corredores do IL. Também, por mim, ele sempre seria **“Antônio Sodré, El Poeta de La Transmutación”**, assim, com o título

em espanhol, nunca “O Poeta da Transmutação” que passou a adotar dos anos 90 para cá. Achava-os, ambos (Tapete Voador e El Poeta de La Transmutación) muito mais fortes e poéticos e mágicos que os seus sucedâneos, mas quem disse que ele quis atender alguma vez aos meus apelos? Teimoso como uma mula, seguiu sua luz, impassível como um Buda, imprevisível como uma divindade de nossas matas tropicais.”

“Sem nenhum favor e sem nenhuma necessidade tola de “carregar nas tintas” pelo fato de nosso amigo ter morrido assim de supetão, acho que, ao menos na contemporaneidade, na atual poesia mato-grossense, não tem ninguém que se iguale, em estatura e profundidade, ao bardo nascido em Juscimeira, filho de Seu Jorge e Dona Joaquina, e morador da sugestiva Rua da Paz, no bairro Pedregal, em Cuiabá, Mato Grosso.”

Ainda de autoria de Marinaldo Custódio, seguimos com um de seus contos, presente na obra

Viagens Inventadas (2011).

A Viagem

Os acontecimentos desta crônica começam em Itaiti, no planalto central do Brasil, gleba que se transformou em cidade já na década de 1960. E trata da viagem que alguns habitantes do lugar tiveram de fazer em 29 de fevereiro de 1992, um fim de semana que haveria de ser sempre lembrado por ali, desde então.

Tiveram de fazer, bem entendido, pois tanto as testemunhas vivas com quem conversamos quanto os jornais e revistas que relataram o fato, à época, em nenhum momento mencionam que qualquer dos viajantes tivesse feito qualquer preparativo ou comentado a viagem com seus amigos e familiares (para quem os tinha).

Na turma “convidada” a viajar, tinha o Zé Fofo, um cinquentão sardento razoavelmente letrado que falava até umas palavras em inglês. O povo do lugar garantia ter sido ele um brilhante professor, bem posto na sociedade, casado e com filhos, que um belo par de chifres o havia levado à sarjeta. Tinha também o negro Aprígio, cachaceiro oficial da cidade, que dormia “na palha” e, por isso, muitas vezes amanhecia com o cabelo cheio de cascas de arroz. Um seu rival na cachaça, o também negro Parafuso, era outro integrante da inesperada expedição. Parafuso ficara famoso na cidade e região pelas músicas que entoava pelas ruas, especialmente o estribilho que repetia sem parar no tempo das águas: “Deixa chovê, deixa moía/ é no moiado que é mió de se brincá”.

Outro destaque era o Cincão, um velho nordestino chegado a pescarias que perdera a razão não se sabe como. Relembra sempre as festanças de sua terra, daquelas de uma semana inteira emendando dias e noites, e das quais afirmava ser

um dos mais firmes praticantes. Saía pedindo “cincão” pra todo mundo e também era dono de algum repertório, especialmente o “fizemo a última viagem/ foi lá pro sertão de Goiás”, do cancionista sertanejo. Dentre as mulheres, destaque para a Nega Peta, que de negra e preta só tinha o apelido, decorrente do modo como tratava todas as outras mulheres.

Era branca e gorda, bonachona e só vivia nas ruas, segundo dizia, porque não lembrava mais onde ficava a sua casa. Com ela rivalizava a Bertina, mas essa era doida varrida e, ao que tudo indica, só não estava em um hospício porque não existia nenhum ali por perto.

Pois o prefeito de Itaiti, o Milton Birigui, resolveu colocar esses personagens, junto com mais uns vinte (alguns até menores de idade) num ônibus e despachá-los rumo à capital do estado. Motivo: estavam enfeando a cidade, conferindo a ela má fama e era urgente tirar de suas ruas aquela gente tão feia, suja e maltratada. Ainda mais agora que o governador Feudo Campos a incluía em sua agenda de visitas ao interior, devendo chegar para o aniversário de emancipação política do município, em 31 de março. Chamou então o chefe de Transportes, o Chicão, e ordenou: “Me chame o Chiquinho da Ambulância, diz pra ele pegar o ônibus dos estudantes, ponha esses mendigos e loucos dentro e solte eles lá na capital, perto da rodoviária. Lá, no meio de tanta gente, nem vão dar fé que aumentou a população de “excluídos”. Talvez até lucrem com eles, pedindo aos governos estadual e federal mais verbas para melhorar a questão social. Aqui, como isto não faz volume e não dá visibilidade, o governo não atende e essa escória só nos traz desgosto e prejuízo”.

Foi o ônibus velho, o Calhau dos Estudantes, rumo à capital,

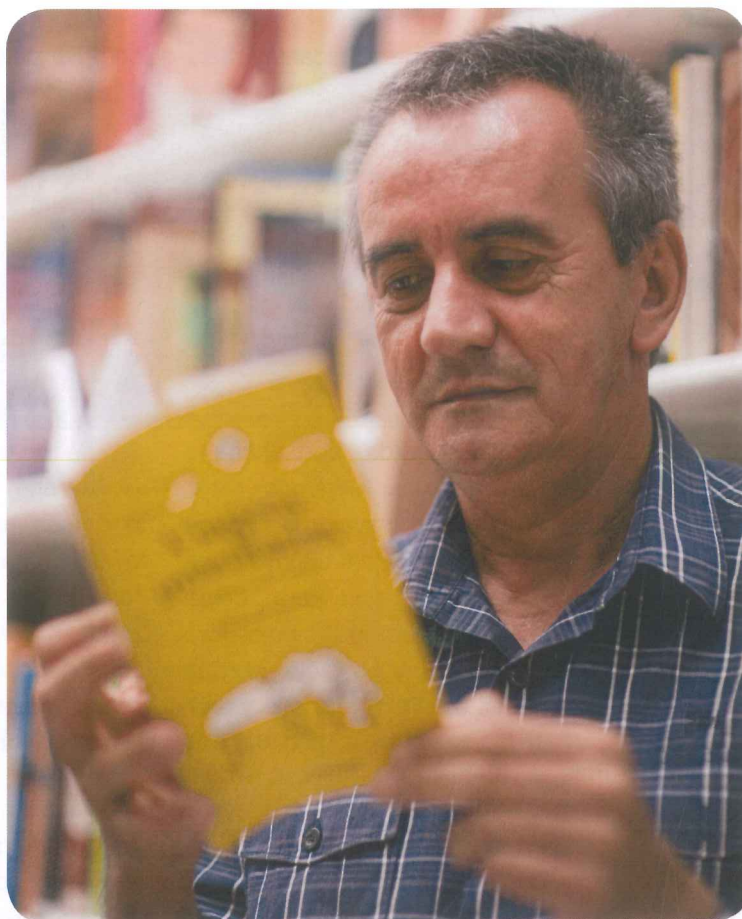
com aqueles tão feios e tristes passageiros. A maioria, convencida à força pelos casseteres do delegado Olímpio e do patê-pau Tonhão. Porque a primeira tentativa, de levá-los por bem para “tratamento médico e odontológico”, não convenceu a ninguém, nem aos doidos que foram os primeiros a dizer que tinham um medo danado de dentista. Além do mais, não estavam doentes...

Noite alta, o Chiquinho tocando o ônibus na estrada de terra sob o luar chapadão, aquelas figuras toscas e malvestidas vigiadas pelos policiais mais pareciam personagens de um filme de arte tipo B (tanto faz) ou, quem sabe, um instantâneo do Trem da Morte.

Às cinco e meia da manhã, passaram pela barreira policial na entrada da cidade, onde soldados à volta da garrafa de café fumegante, cigarros acesos e caras de sono, não os incomodaram. Foram rompendo as ruas, ainda com pouco movimento e se aproximando da rodoviária. Às 6 horas, os passageiros foram soltos em sua nova casa, antes devidamente advertidos pelos policiais para que nunca mais tivessem a ousadia de botar os pés em Itaiti.

Meio-dia e meia, toda via, estavam todos colocados num ônibus novo e maior da prefeitura da capital, dirigido pelo motorista Jamilo, um negro forte e boa-praça, com destino a... Itaiti!

É que o prefeito da metrópole emergente fora informado da esperteza de certos prefeitos do interior que estavam “exportando” para a capital levas e mais levas de deserdados, e resolvera intervir drasticamente. Duas semanas antes da chegada do ônibus de Itaiti, chamou o seu secretário de Serviços Urbanos, Eustáquio Portocercado, e lhe ordenou: Qualquer sujeito de mau aspecto – sozinho ou em turma – que



Marinaldo Custódio - Foto: Assessoria

chegar à rodoviária de hoje em diante e não explicar direitinho para que veio, é pra ser mandado imediatamente de volta à sua cidade de origem. Se forem dois ou três, você manda tirar as passagens na empresa Quero-Quero, do meu amigo Amador Tatu; se vierem em turma grande, mande ir um ônibus da prefeitura. E se algum engraçadinho resolver ficar, mande a polícia prender e baixar o pau!"

Foi o Jamilo, sorridente, cantando "De que me adianta viver na cidade/ se a felicidade não me acompanhar...",

levando a carga indesejável, sem necessidade de polícia, de volta às origens. No bolso do casaco, uma cópia do memorando que o prefeito da capital, Ronaldo Hungria, mandara imprimir para a finalidade:

"Prezado colega, prefeito de ...: mando de volta os seus doidos e mendigos, porque já os temos demais por aqui. É como diz a Bíblia: basta a cada dia e lugar o seu próprio mal. A cada cidade os habitantes que ali nasceram ou nela foram viver, por livre e espontânea vontade".

(Ass.: Ronaldo Hungria – Prefeito Municipal de Cuia-Coxipó).

Processando a Criação

Antônio Carlos Lima, Toninho, poeta, questionado sobre processo criativo, tenta responder.

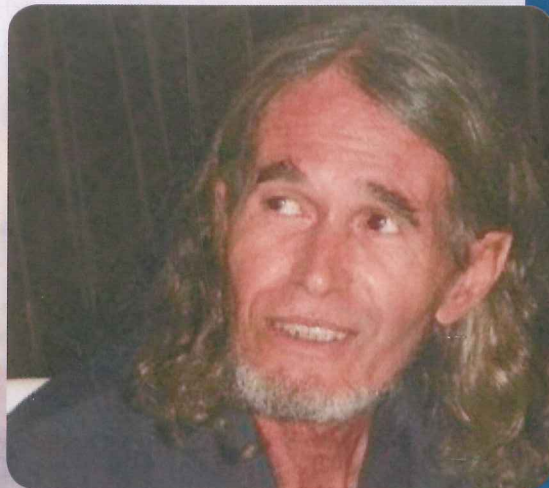
“O que um poeta pode falar de sua obra, além do que ela própria já diz? Talvez, somente, o que se relacione ao seu processo criativo.”

Perguntam-nos se temos mais inspiração ou transpiração; influências, estilos, formas... Coisas que, enfim, também são explícitas em nossos poemas. Mas é óbvio que uma extrema maioria dos leitores não conhece a minha obra. Por isso, aceitei tentar descrever meu processo de criação. Antecipo, no entanto, que não tenho um padrão de processo. Mas confesso que busco utilizar todos os recursos literários pra que o poema exprima, intensa ou sutilmente, seu conteúdo poético através de sua capa estética e sua mensagem, mesmo abstrata.

Soneto, raicai, palíndromo, concreto, neo-isso e aquilo, além de invencionices... Há, ao meu ver, determinadas formas que são mais apropriadas para expressar determinados temas. Mas, se determino, nem sempre termino. Acho que a razão entope o fluxo de substâncias entorpecentes produzidas pelo hipotálamo da poesia. A dopamina que vem espontaneamente da inspiração embevece meus neurônios e

ilumina, com imenso prazer, o meu fazer poético. Quando estou inspirando, o poema flui, nasce completo; forma é coadjuvante, de luxo. Com e sem rima, ramo, rumo, remo... romã e romance; concreto e secreto; sonoro soneto, verso livre, dedos de prosa... Toda poesia, mesmo trágica, traz uma alegria que nos faz rir. Eu rio de chorar lagos ou rio com a calma dos olhos da alma. Assim, busco agregar bom humor ao poema, apocalíptico ou sutil. Conforta-me saber que, se alguém não gostou, pelo menos ri.

“Eu rio de chorar lagos ou rio com a calma dos olhos da alma”



Antônio Carlos Lima - Foto: Arquivos pessoais

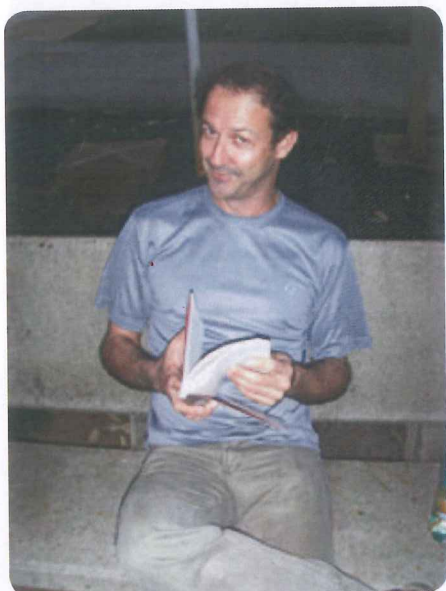
Quis fazer um poema
Sem pensar no tema.
Só juntar um time
De palavras sublimes
E pirar o sistema.
Mas, poesia, ninguém faz;
Ela vem pura do reino da
inspiração
Com seu mistério transparente
E se mistura com as loucuras da
gente.
Poesia é néctar, supra-sumo
de fruta ou estrume.
Às vezes, rima com magia;
Noutras, perde o rumo...
O verso estica, escorre no ralo
conteúdo
E o poema morre mudo,
De porre de razão ou fantasia.

Mas, se no resto,
Um só verso de funesto
Aparecer transcrito
No caderno da moça bonita
Ou na revista da academia;
Cantado ou no grito,
O proscrito ressuscita,
Ganha vida etérea
E a brincadeira
Vira coisa séria

Antônio Carlos Fernandes Lima – Toninho – Poeta e compositor musical, publicou “Pé no Céu...” (1982), “Torre de Babel” (1988), “Poesia Encaixada”, série de livros em caixas de fósforo – poemas curtos (desde 1986), “Língua de Fogo” (2006), “Alô! Cá! Ali! Psiu!” (2011)

Cadê vivo

Matéria e Capa – Luiz Renato fala sobre Sodré



Luiz Renato - Foto: Pessoal

A convite da Revista Borboletas, nos presenteia com um belíssimo texto dedicado a Sodré, o nosso grande poeta mato-grossense homenageado desta edição.

Existem pessoas que marcam nossa existência de maneira brutal. Invadem a intimidade que nos cerca, projetam seus pensamentos pelos poros e conquistam para sempre a amizade ofertada em todas as horas. Não falo de parentes, essas pessoas que não escolhemos para estar por perto, e sim de amigos, a segunda família que nos acompanha e que, de repente, desaparecem tatuando marcas profundas em nossos corações. Mato Grosso tem sido minha segunda pátria, e Cuiabá, uma madrastra boa, cidade em que minha família adquiriu dignidade e respeito, tangida pelo desemprego no sul. Aqui, nasceram meus dois filhos – cuiabaninhos que crescem cheios de saúde e respeito pelo lugar que nos acolheu. Mas algumas perdas têm se acumulado por força do tempo, esse grande escultor: “Todas as estátuas são tétricas!”.

Quase que semanalmente tenho ido ao Pedregal para fazer visitas rotineiras a pessoas que abraço como segunda família. Dona Joaquina é uma mulher guerreira que já perdeu dois filhos e, no entanto, resiste, sempre com um sorriso a nos brindar, com um gole de café amargo (meu preferido) e um dedo de prosa a reclamar de alguma dor; quisera eu chegar aos oitenta e quatro com um pouco dessas reclamações. Bia está sempre por conta da cozinha que toma quase todo o tempo. Há, religiosamente, um quitute saboroso para o almoço em que sempre cabe mais uma boca. Irani, quieta, mas atenta aos movimentos da casa, tem a nobre função de abrir as portas da casa aos visitantes. José, o homem do espaço, com sua eterna simpatia distribuída em poucos quilos que permanecem em pé diante dos atribulados acontecimentos que a vida tem proporcionado. Em um canto da casa tudo parece congelado no tempo



Rampa do IL (Instituto de Linguagens) - Local consagrado por A. Sodré.

Poeta aqui?

que não volta mais. Uma presença inquietante repousa no olhar saudoso de cada habitante. O cheiro de um último poema ainda ocupa as narinas estelares. No quatinho minúsculo, em que dormitava o poeta, repousam seus livros preferidos em meio a peças de roupa que aguardam novos donos. O guarda-roupas antigo leva consigo histórias de andanças de outras léguas e a rede agora não mais se estica pelo vazio das paredes que engolem recordações.

Antonio não mora mais ali. Mas é como se ainda estivesse andando pela casa, sentado a ouvir a rádio Senado por longas horas, ou de frente à televisão como se prestasse atenção no que se vomita mecanicamente. Alguns cadernos de poemas e desenhos esperam pela observação atenta em busca de novas seleções para outros livros. O autor da "Besta Poética" não mais está "Poe" lá, mas na verdade está no meio de nós: na biblioteca que leva seu nome no bairro Cophema, no espaço em que vendia livros e sonhos, por quase trinta anos, na UFMT, no repertório do lendário Caximir e também nas inúmeras parcerias com artistas variados com os quais socializou seu talento. Tenho em minha casa alguns objetos que me lembram o amigo: livros que pedi para sua mãe, uma

jaqueta jeans (que ele adorava) e que Bia me deu; também o rádio que ele ouvia fora de sintonia e que tanto me incomodava – presente do José. Ainda agora folhee a Besta Poética na busca do talento nato do grande poeta. Antonio Sodré de Souza Neto: nome extenso, poético, místico. ASSN – iniciais espelhadas em que se refletem minudências daquele homem lento, desacelerado, que caminhou devagar por toda a vida, sem pressa de chegar, pois já sabia que era lugar algum o nosso destino.

Olhando algumas fotos passo em revista ao tempo que nos acusa certa cumplicidade. Amigos que têm neve sobre o cabelo, outros com fartas madeixas, hoje ralas, todos sem noção alguma do futuro que viria e já chegou faz tempo. Daqui a pouco tudo será passado e não mais habitará esta carcaça. Somente a poesia sobreviverá aos naufrágios da contemporaneidade. Manuscritos em papiros pós-modernos validarão essa passagem. A poesia sem fronteiras ocupará de maneira etérea os espaços vazios de corações plastificados pela dor da perda. O dinheiro todo do mundo não valerá pedra sobre pedra sobre as quais muitas dores sepultarão os últimos sonhos realizáveis. E para cada poema escrito no além uma nova

estrela iluminará outros caminhos. Trilhas sobre trilhas; o asfalto cederá e do chão, brotarão novas sementes encapsuladas, iridescentes, a dividir o espaço terreno com raios e trovões. Do Ocidente receberemos novas vítimas; do Oriente virão hai-kakus e mini-tankas; Os epitáfios já começaram a ser escritos.

Antonio Carlos Fernandes Lima (Toninho) prenunciou o acontecido, em seu A! Pô! Cá! Ali! Psiu!.

Chegou na "assembleia dos deuses"
Com o soneto da transmutação
Transparente, na mão que ergueu-se
No ar, acenando para Drummond.

Todos o receberam com festa.
Quintana intimou: Aí Sodré,
Diz aquele da flor... Como é que é?
- "Nenhuma flor resta na floresta".

A flor foi ao céu ouvir estrelas
E ver como seria mais fácil
Se a vida não fosse tão físsil.

Leminsky, Florbela e Bandeira
Lhe deram assento no espaço
Sem osso, só ócio do ofício.

Toninho



Mais poesia mato-grossense...

Aqui, os leitores poderão apreciar um pouco mais de poesia.

Os poetas **Toninho** e **Marta** nos presenteiam com os poemas que podem ser encontrados nas obras "**Sábado**" (**Cocco**, 2011) e "**Saco de poemas**" (**Toninho**, 1988) publicação do autor.

Seu Dorsino

Por Toninho

Tempo nublado. Ele arava e corria,
Varava o dia tecendo os fios.
Fofava a Terra e a natureza
exoticamente óbvia retribuía em
sonhos a sua fé. Ainda arava, orava
e nascia.
Vivendo varava a vida E o tempo se
faz manhã de acordar cedo.

Frutas surgiam das flores. Num
terno amor de vida infinita. Tempo
nublado... Ele via da varanda o viver.
Formavam-se nos ares lágrimas de
rir.

Ânima

por Toninho

Ave de rapina Ávida dum voar
tranquilo, a vida é mais que isto.
é aquilo sempre novo, de novo,
o desenvolver do novelo dos sonhos a
tecer céus, signos, coloides cíclicos...

De aprendê-los e desprender-
se. De acordar a luz em si, Luzir-
se e cedê-la, e alar o seguir para
além de um espaço de tempo...

Vida é um raiar-se eterno,
em tantos novos mundos no
infinito universo de Deus, aqui.

Trechos de "Sábado ou cantos para um dia só"

Por Marta Helena Cocco

"Entre livros por todos os lados
imensos e ávidos, inicio a máquina
e agradeço por ter acordado nesse
dia que é de guardar e ver as coisas
como vejo e sentir as dores que
sinto.

Ofereço ao que está pra chegar esta
voz e invoco a inspiração da lua
antes que se vá (e que tem nome
de mulher maria, Joana, ou outro
qualquer e recolhe o sol em seu
ventre)
para que os cantos de amor e
dorzsintam-se abrigados na coberta
do céu..."

"O amor, rei com modos de vassalo,
retribuiu a conquista em diálogos
e em cânticos e em versos e em tudo
quanto a língua possa alcançar."



Teatro na escola

Por Márcia de Moura Gonçalves

Após uma longa conversa sobre teatro, escola, filhos, educação e dedicação ao ensino a professora do Curso de Letras – Língua Portuguesa/ Inglesa da UFMT, Márcia, nos presenteia com um texto instigante sobre as aventuras de um teatro na escola.

Na sala de aula, o estudo e a expressão das linguagens tornam-se soberanos. A peça de teatro pode ser considerada o 'ponto alto' do ensino da língua materna nas escolas Waldorf.

Onde tudo começou...

Últimos dias antes da estreia. A um canto do teatro da Universidade Federal de Mato Grosso o professor de música, Bruno Pizaneschi, ensaia uma canção espanhola na flauta, enquanto os jovens buscam seus chapéus, espadas e saias com armação e vão experimentando passos, falas, posições, num palco que aos poucos se abre para suas emoções.

Saindo em ponta de pé desse espaço que ora se constrói como lugar de atividade criadora, lembramos que *Dom Gil das Calças Verdes* – peça teatral de Tirso de Molina - encontrou seu recanto, primeiramente, na sala de aula da professora Aurea Gauer. Quanta leitura de obras clássicas da literatura até encontrar a peça que melhor expressasse o momento, as necessidades, o perfil de seus jovens alunos!

Buscaram no olhar da professora, personagens e situações que possibilitassem aos seus educandos a vivência dos mais diversos sentimentos ao se investirem da personalidade do outro. Buscaram seus olhos um texto que fosse, na voz do outro, lugar do conheça-te a ti mesmo. É como já nos dizia Léon Denis: *a arte bem compreendida é poderoso meio de elevação e de renovação.*

Desde então, é assim que tem sido lá no cantinho da sala de aula da professora Aurea... um lugar instigante para se explorar!

Se procurarmos nos cadernos, encontraremos emaranhados de linhas que dão em palavras nos contando a história do teatro. Aqui e acolá, diversos gêneros textuais e imagens noticiam o contexto de época em que se passa a estória. Como era Madri nos anos 1600? Como viviam as pessoas? Como eram as residências, os móveis, as roupas, as famílias?... Há tanto a descobrir!

Pelo texto, logo tiveram notícia sobre os relacionamentos dos jovens de então. Diz:

Lourença: *Pobre da nossa ama... ser mulher na Espanha de hoje não é fácil. Apaixonar-se e depois...o apaixonado, para agradar ao pai, vai atrás da outra!*

Teresa: Pois eu acho que o apaixonado se desapaixonou, atraído pelos setenta mil ducados da tal dona Inês. (...)

Quem são Lourença e Teresa? dona Joana-Gil? Fizeram os jovens diversas leituras até desvendarem esses personagens. Qual o perfil psicológico de cada um? São pessoas esses personagens. Seres que, na ficção, em sociedade poderiam ser qualquer um deles. Seus medos, angústias, alegrias, ciúmes, ambições contam do ser humano. Com qual deles me identifico? Perguntam. Abrem-se as portas do olhar interior...

No teatro da escola, a escolha dos papéis propicia a vivência do outro naquele que o busca conhecer e personificar. Ao mesmo tempo esses jovens atores emprestam

um pouco de si ao personagem. É na interpretação que a palavra, a expressão, o gesto, a musicalidade do corpo faz-se companheira do desenvolvimento e aprimoramento do senso estético daquele que a essa tarefa se propõe.

Na **Pedagogia Waldorf**, o teatro só pode desempenhar a sua função pedagógica por meio de tarefas, antes e depois das apresentações, no palco e por trás dele: é uma obra de arte, cujo valor não reside apenas na apresentação bem sucedida, mas também em seu preparo e em tudo que a acompanha. Todos os participantes – com seus dons e suas fraquezas – são chamados a criar uma “obra de arte social”.

Foi assim, no cantinho do teatro da professora Aurea, que a sala de aula tornou-se oficina de tantas construções. Construiu-se responsabilidade e comprometimento. Amizade. Dedicação. União. Em outra dimensão construiu-se, no que diz respeito à linguagem, o aprimoramento consciente desse grande veículo de expressão do espírito humano.

Naquele recanto, o estudo e a expressão das linguagens tornaram-se soberanos. A peça de teatro pode ser considerada o “ponto alto” do ensino da língua materna nas escolas Waldorf. O aluno não precisa apenas desenvolver uma compreensão teórica do texto, mas tem que interpretá-lo pela fala, pela mímica e pelos gestos.

No cumprimento dessa tarefa, nos exercícios de declamação procurou-se, pouco a pouco, desenvolver a nitidez e a força da articulação; a recitação diária treinou a sensibilidade para sentir

os sons como gestos anímicos. Durante os ensaios, intensificou-se a vivência de qualidades linguísticas como o contraste entre tensão e a distensão; o elemento da pausa, a exclamação, a pergunta retórica como pontos altos dramáticos. Do estranhamento à identificação fez-se o estudo da palavra no texto, das expressões em que o autor, por meio do realismo cru, satirizava a problemática social.

Naquela sala de aula onde tudo começou, encontramos ainda outros tesouros no âmbito das linguagens a compor esse cenário onde a vida e a ficção se encontram numa esquina com o mundo.

Canções espanholas foram ensaiadas com os professores de música Bruno Pizaneschi e Ricardo de Souza. Podia-se ouvir na palavra cantada o retomar da vida na época com a dança do moinho ...

“Gira el molino, gira el molino de viento

Alli em lo alto, alto de la colina!

Danos um buen alimento

Com tu harina fina, mamita, com tu harina fina!

Rueda del agua aquí en valle,

Junto al río vas moliendo!

Que tu voz no calle.

Quiero escuchar la piedra batiendo.”

Além da música, a dança, expressando nos gestos o primeiro encontro de dona Joana com dom Martín. Ao final da peça, nova dança do moinho com uma canção em cuja letra, que é o cume literário das antigas canções rurais de

moinho, termina com a brincadeira do enfarinhamento, recurso cômico do teatro de então.

Por fim, sob a orientação do professor de artes Roberto Sól, com giz de cera e lápis de cor, a peça *Don Gil de las Calzas Verdes* foi representada em belos desenhos elaborados por grupos de alunos. Cada um contava, a seu modo, sua visão da estória. Esses desenhos iriam compor o cartaz de divulgação da peça e também o *folder* entregue nos dias em que a peça estaria em cartaz.

Na Pedagogia Waldorf, a sala de aula quando oficina de teatro, é local para pleno exercício da alma humana por meio da linguagem em suas diversas formas de expressão. Emoções e vivências intensas devem acompanhar o ensino de todas as matérias e as linguagens devem ser trabalhadas com o cuidado na expressão do Ser. A função do professor é, basicamente, trazer o mundo para dentro da sala de aula.

O autor Tirso de Molina

Tirso de Molina é o pseudônimo do frei e dramaturgo espanhol Gabriel Tellez, nascido em Madri em 1571. Além de teólogo de renome, recebeu educação esmerada na Universidade de Alcalá.

Em meio às obrigações de sua Ordem e às viagens de convento a convento, criava suas peças. Escreveu peças de fundo histórico e de fundo religioso, das quais a mais famosa é *El condenado por Desconfiado*. Criador da famosa figura de Don Juan, é considerado, depois de Lope de Vega, o mais fecundo e variado dramaturgo da Espanha.

Esta comédia, *Don Gil de las Calzas*

Verdes, faz parte de seu teatro de intrigas e costumes, e sua tradução para o português, integral e primorosa, foi feita por Afonso Félix de Souza, poeta brasileiro. Em seu teatro de costumes, a mulher ocupa o papel ativo da peça em que a sátira se constrói na aguda observação dos caracteres, sobretudo os femininos.

Tirso de Molina faleceu em 1648 quando era prelado do convento de La Merced, em Soria, deixando um legado de mais de 300 peças.



A autora

Márcia de Moura Gonçalves é professora do Curso de Letras da UFMT, campus Cuiabá, Mestre em Estudos de Linguagem e mãe de Mariana Gonçalves Penna, jovem atriz em Dom Gil das Calças Verdes.

Bibliografia

DENIS, Léon. *O Espiritismo na Arte*. Brasília: Feb, 1982.

LANZ, Rudolf. *A Pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano*. 6 ed. São Paulo: Antroposófica, 1998.

RICHTER, Tobias. *Objetivo Pedagógico e Metas de Ensino de uma Escola Waldorf*. 1 ed no Brasil, São Paulo: Federação das Escolas Waldorf no Brasil, 2002.

Pensamentos dos jovens atores

Na vivência do teatro, Ana Maria Pagliarini, adaptadora e diretora da peça, recolheu pensamentos dos jovens sobre essa experiência. Seguem trechos dessas pérolas...

Dhara Monteiro: (...)No palco, a magia de estar dando o melhor de si, mostrando a si mesma que é capaz de realizar um trabalho bem feito, oferecendo a todos o que tem de melhor.(...)

Marina Gaio: (...)O Teatro é uma arte e arte é uma forma do ser humano expressar-se e comunicar-se com o mundo. (...)

Ana Paula Gracioli: (...) Quando pegamos a peça pela primeira vez, sentimos um medo que digo ser bom. Mas é um medo de realizar um trabalho tão gostoso que nos transforma a cada dia. (...)

Mariana Penna : (...) Descobrimos que o teatro é algo muito mais grandioso do que apenas um texto a ser representado. É uma forma de amadurecimento dentro de nós: realmente vemos quem somos. (...)



Allyadj Okamura: (...) No teatro podemos recriar nossos modos, viver outra época, ser outra pessoa e, o melhor de tudo, superar nossos medos e vergonha. (...)

Vivian Monteiro: (...) O teatro nos ensina a ter união. No primeiro dia de trabalho, já entendemos que temos de batalhar para conseguirmos chegar a um objetivo. (...)

Maria Eduarda Dias: (...) Começamos a trabalhar com ele na época de Português e, desde então, percebo que a Aurea não podia ter escolhido peça melhor. (...)

Íris Luísa Barbosa: (...) Esqueceremos quem somos, pois quando entrarmos no palco, seremos nossos personagens e nada mais. São eles nossos 'amigos próximos', com os quais convivemos tantos dias. (...)

Carolina Ferreira: (...) O teatro está sendo muito bom, porque antes dele eu era um pouco fechada. Mas isso também já melhorou um pouco. (...)

Breno Scalon: (...) Aprendi a falar em público, assim como novos jeitos de falar. Tudo isso vai me servir futuramente. (...)

Arthur Martins: (...) No início, quando temos a peça, sentimos muita alegria, com as pessoas escolhendo os papéis, falando de qual elas mais gostaram. (...)

Lurian Tiemy: (...) Lembrarei pra sempre o quanto é satisfatório o gostinho de missão cumprida! (...)

Ana Luísa Toillier: (...) O teatro ensina-nos muitas formas boas de experimentar ser o que não somos. Interpretamos, choramos, cantamos, aproveitamos o máximo de nossos personagens, vivendo-os. (...)

Arthur Godoi: (...) pegar os trejeitos, maneiras e manias dos personagens, no começo não é fácil, mas com o tempo vai-se melhorando. (...)

Bruna Garcia: (...) Com coragem, alegria, vontade, força responsabilidade e principalmente união, é possível nascer um teatro. (...)

Thierry Borges: (...) Aprendi que nem tudo se consegue sem dedicação e, principalmente, que tudo tem sua hora: hora de brincar, de trabalhar e de se empenhar.

Aline Nord: (...) O que sabemos é que temos que dar o melhor de nós e assim conseguiremos entrar no palco e fazer uma bela apresentação!

Pedro canongia: (...) No teatro, vivemos papéis que em nossa vida temos medo de interpretar. E com isso vamos nos soltando e acordando para a vida. (...)

Sabrina Venites: (...) Quando recebi a peça, uma alegria enorme reinou. Dia após dia, foi aumentando a cada página que eu lia, a cada descoberta. (...)

Stefany Almeida: O teatro é uma experiência única em nossas vidas. Ele nos ajuda a fazer escolhas importantes, a enfrentar nossos medos e superar nossos desafios. (...)

Iago Callil: O teatro foi e está sendo incrível. Um sonho e também uma realidade. (...)

Cássia Herman: Teatro é um objetivo único quando passamos pelo oitavo ano, que nunca se esquece na vida. (...)

INDICAÇÃO de ESTOQUE

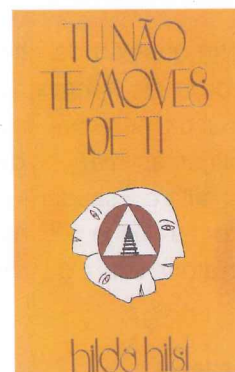
A Revista Borboletas tem a tradição de indicar leituras aos leitores. Quem sabe a indicação não se torna uma instigação?

Eis algumas indicações:

Tu não te moves de Ti

Um livro instigante que leva o leitor a permear os três estágios do pensamento representados pelas personagens: Tadeu (da razão), Rute (da fantasia) e Axelrod (da proporção).

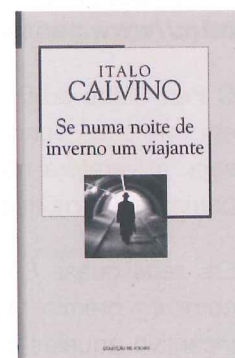
As três novelas que compõem o livro *Tu não te moves de ti*, construído por Hilda Hilst, tem como enfoque principal os temas relacionados às obscuridades do ser: suas inquietações, suas falhas e maravilhas.



Se um viajante numa noite de inverno

Publicado pela primeira vez em 1979, este livro de origem italiana traz uma síntese entre as preocupações da vanguarda literária e a narrativa de um romance tradicional.

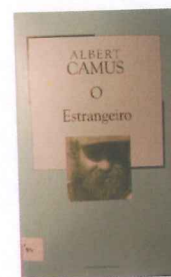
Ítalo Calvino mostra sua genialidade ao transformar a personagem principal do livro num Leitor que lê esse livro cheio de mistérios e que no auge de sua empolgação é interrompido pelo erro de encadernação que repete até o fim suas páginas iniciais. Voltando à livraria para trocá-lo por outro exemplar e, assim, prosseguir com a leitura, a personagem se depara com outra história no novo exemplar, e que é novamente interrompida por problema de encadernação. Nessa busca da satisfação pela leitura o Leitor enfrenta circunstâncias absurdas, bizarras, cômicas, além de apaixonar-se por uma misteriosa Leitora.



O estrangeiro

Albert Camus descreve de forma envolvente, através de uma sua personagem apática, as diversas noções da corrente existencialista e do absurdo.

Na história, o narrador-personagem Meursault é visto como um homem comum, um escriturário que paga suas contas e tem uma namorada, porém, no decorrer do livro, diante de um assassinato, entre outros fatos, percebe-se a sua falta de ambição, sua empatia social e o conformismo em relação à vida, principalmente quando ele diz: "Tanto faz... mais dia, menos dia, isso iria acontecer mesmo."



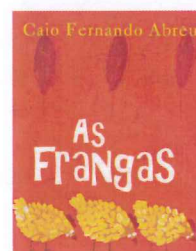
Retrato do artista quando coisa

Dividido em duas partes sendo a primeira, "Retrato do artista quando coisa" e a segunda, "Biografia do orvalho", Manoel de Barros faz com que vejamos a transformação do poeta em "coisas", ou seja, no que compõe o ambiente pantaneiro: pedra, bichos, musgos etc. Mas não só se reveste da natureza, ou é ele a própria natureza, como também faz pequenas reflexões sobre si, o ser, a natureza e o cotidiano.



As frangas

Em questão de envolvimento, Caio Fernando Abreu soube abraçar seus leitores com força. *As frangas*, uma novela infantojuvenil da década de 70, nos mostra coisas que nunca paramos para pensar, demonstra as minúcias do nosso dia-a-dia através de algumas imagens da infância, algumas criações que, com o passar do tempo, deixam só a falta e a saudade no peito. No decorrer das páginas, ele aborda alguns sentimentos de forma sutil e nos instiga a continuar buscando o fim de toda essa novela, de toda essa história sobre galinhas (ou frangas) e sentimentos que deixamos passar batido.



Sites

<http://www.penclubedobrasil.org.br/>

O Pen Clube do Brasil faz parte de uma rede mundial em que seus princípios seguem o quesito literário, ou seja, a literatura não possui fronteiras e deve ser um patrimônio comum a todos os públicos.

Em seus quase 80 anos de vida, o pen clube segue com um prêmio nacional literário possibilitando esse incentivo àqueles que possuem interesse em publicar suas obras. Ao longo dos anos em que o prêmio existe, alguns conhecidos da atualidade receberam o mesmo, como Jorge Amado, Érico Veríssimo, Alphonsus de Guimaraens, Moacir Scliar, Lygia Fagundes Teles, entre outros.

<http://www.annaclaudiaramos.com.br/>

Anna Claudia Ramos não exita em dizer o quanto a fantasia lhe encanta desde menina.

É partindo daí que reconhecemos o seu trabalho voltado para literatura infantil e infantojuvenil, o seu gosto pelo contato (mesmo que indireto) com as crianças e adolescentes e a sua facilidade de estar sempre junto de seu público, seus fãs. Em seu site, Anna faz questão de incitar uma interação entre o leitor e "ela", dando a entender que a distância é mínima quando tratamos de algo que nos proporciona tanto prazer, como a literatura proporciona a ela.

Realização



Departamento
de Letras

Gráfica
UFMT

Apoio

